

* ROCHAS NEOGONDUÂNICAS DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE.

Campos, A. C. R. e Oliveira, M. E. C. B.

Instituto de Geociências e Astronomia, São Paulo, Brasil.

Rochas continentais neogonduânicas presentemente preservadas na porção angolana da Bacia do Congo constituem uma sequência sedimentar com camadas de diamictito junto à base, seguidas de arenitos, siltitos e folhelhos com restos fossilizados de vegetais da flora de Glossopteris.

Uma sequência similar que inclui camadas de carvão acima dos diamictitos ocorre na Bacia do Zambeze, em Moçambique.

A cronologia dessas sequências não está ainda firmemente estabelecida, mas com base nas evidências biocronológicas existentes e na correlação com o "Sistema" Karroo da África do Sul, elas são consideradas correspondentes ao intervalo Neocarbonífero ao Triássico.

A investigação preliminar da fácies e paleogeografia dos sedimentos das duas bacias indicou que os diamictitos da "Série" de Lutôe, da parte centro-norte de Angola, incluem tilitos e depósitos rudáceos, provavelmente trabalhados por ação glacial, intercalados em sedimentos lacustrinos. Os diamictitos, como também, os depósitos continentais (fluviais e lacustrinos) da "Série" de Cassange provieram, provavelmente, de áreas cristalinas situadas a noroeste.

A "Série" Tilítica da Bacia do Zambeze inclui diamictitos que foram depositados através de mecanismos de transporte em massa (fluxos de lama; escorregamentos) em uma bacia subaquosa continental. A "Série" Produtiva, portadora de carvão, é uma sequência cíclica constituída de diamictitos, folhelhos, carvão e arenitos.

Êsses sedimentos foram transportados por correntes de direção predominante leste-oeste, determinadas através da medida de estruturas direcionais diversas. Apesar de presentemente isolada, a Bacia do Zambeze poderia ter constituído parte da margem nordeste da extensa Bacia do Karroo da África austral.